

NAS JANELAS DA ESCOLA

AS INVESTIGAÇÕES

A ruptura com o sustenido silabar da cartilha, castradora dos sentidos, desponta para modos de ver mais interpretativos e inquiridores da globalidade e das singularidades do real, sobre perspectivas para a retomada do livro. Como diz A. TORRADO:

Ao tomar o livro como companheiro de fala, como um brinquedo ou um jogo, (...) é dar oportunidade ao gradual enriquecimento do vocabulário infantil, onde o livro, como um entre outros temas de diálogo adulto/criança, surja naturalmente, tão naturalmente como um passeio pela mão, uma história contada, um espetáculo em comum. (1988:37)

A superação se materializa no aprender a ler pela "investigação", sem temores, sem fronteiras, sem carimbos.

A "investigação", inicialmente na educação infantil como elaboração própria, capacidade de expressão criativa com base lúdica e num *continuum*, desperta o gosto pela investigação pessoal; cada aluno tem à sua disposição diferentes livros e se enriquece com a colaboração de todos. É muito prazeroso e significativo ver os pequeninos com grandes livros debaixo do braço, chegando à escola com muita importância, pois sabem que vêm trazendo saberes que serão confrontados com os demais.

No início de cada ano, os alunos recebem um quadro de materiais necessários ao trabalho, acompanhado do seguinte lembrete: "Não deixe de organizar a sua sala de estudos com uma pequena biblioteca, contendo: enciclopédias, coleções, revistas, mapas, globo... (Que todas as crianças brasileiras pudessem receber este lembrete e pudessem organizar seu espaço de estudos - mais que um desejo, uma utopia - um desafio).

Nas classes, professores e alunos vivem juntos situações de procura e descoberta. A professora, exercendo seu papel de adulto, como guia na relação com a criança, auxilia na organização dos dados encontrados pelos alunos, chegando com eles a uma síntese acrescentada de seu ponto de vista.

Nos momentos de investigação, enquanto as crianças têm autonomia de leitura, a professoras faz a leitura dos diferentes dados coletados pelos alunos, sempre numa sistemática de complementaridade (alguns pais fazem a leitura em casa) que tem levado à cooperação na elaboração dos textos. A discussão das idéias levantadas sobre o tema de interesse é muito rica,

oportunizando conceitos múltiplos, extrapolações, as quais como brainstorming (explosão de idéias) sugerem novas investigações.

Este processo acentua-se nas classes seguintes, acompanhando os diferentes interesses, desejos e necessidades de saber.

O registro dos textos-síntese é feito em grandes painéis ou folhas chamex, que vão constitui a biblioteca de classe, motivo para leitura dos interessados. A seguir a professora propõe leitura-estudo dos textos para posteriores debates.

Nos debates de classe, a professora intervém a fim de que todos os alunos se aproximem, ousem exprimir-se, convence-os de que eles têm sempre algo a dizer, incita-os a dizê-los, dá a palavra àqueles que não a pedem e garante um lugar aos mais retraídos, abrindo assim um espaço para o ser falante. (Para poder interagir com os autômatos falantes que estão aí, anunciando uma revolução total no ensino, segundo A. SHAFF, 1993).

Este confronto de idéias nos debates tem garantido, aos alunos *Desafio*, compreensão, discernimento e criticidade.

Encontro respaldo teórico em Freinet, quando afirma: "...explorar, para nossos fins educativos, a necessidade de curiosidade e de atividade que existe em todo ser vivo, trazer à luz os pensamentos íntimos dos nossos alunos, exprimi-los, classificá-los, enfim fixá-los através da impressão, antes de utilizá-los para o trabalho escolar". Estaremos certos então de que nosso ensino será marcante, pois todo indivíduo procurará esse objetivo: exprimir-se, ler a expressão impressa e desenvolver-se

As investigações nos livros muitas vezes são precedidas pelos questionamentos feitos quando em contato com a natureza, com a realidade, nas excursões, passeios, viagens, e principalmente, nos acampamentos de estudo realizados por todas as turmas durante o ano letivo; lembrando I. CALVINO : ...nenhum livro pode ensinar aquilo que só se pode aprender na infância ao se prestar ouvidos e olhos abertos ao canto e ao vôo dos pássaros e se houver ali alguém que saiba o nome deles: . (1994:25)

Lá, como perguntadores, alunos e professores das diferentes áreas, em à natureza, aqui e ali, vão nomeando dando forma e sentido ao universo das formigas; dos cogumelos;

Das cascas; flores e frutos; do lixo e dos segredos da noite. E em viagens imaginárias, tudo se transforma e os dados coletados, como segredos, vão sendo escondidos em meio à parafernália das barracas no acampamento.

Todos brincam, exploram, tateiam, descobrem e tornam o "olhar produtivo" (SNYDERS,1993) e quando voltam para suas classes (re)observam,

classificam, categorizam, explicitam os dados, associando suas próprias experiências às dos autores presentes. Os alunos não interagem com um só autor, um só livro (livro didático), mas, vários autores, no sentido de analisar diferentes pontos de vista, para compará-los, assimilá-los e também, oporem-se a eles com liberdade, para que possam alunos e professores, alçar vôos e audácias no conhecimento.

E, aqui fecho esta janela acordando as palavras de C. FREINET (1979): "*Abaixo os manuais escolares*".

neuza helena p. mansani

•